

Fauvismo

A explosão das cores

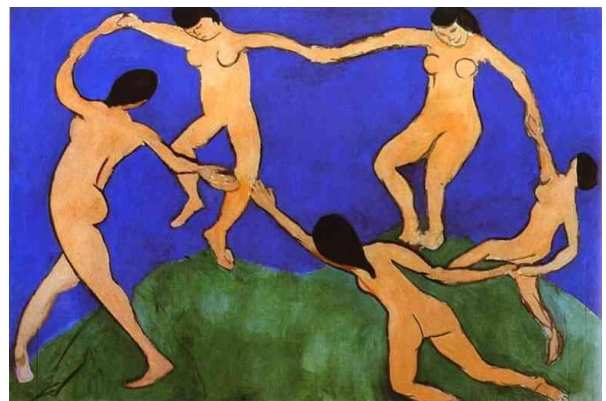
“O Fovismo não é tudo, é apenas o começo de tudo.”

Henri Matisse

Nenhum outro período em uma cultura produziu e sofreu influências de obras tão diversas como este. O ser humano tem mania de classificar toda forma ou estilo de alguma produção, mas diante de tanta multiplicidade de trabalhos que foi produzido no séc. XX, os maiores artistas não chegam a se encaixar em nenhum estilo específico. O grupo, sob a liderança de Henri Matisse (1869-1954), tem como eixo comum a exploração das amplas possibilidades colocadas pela utilização da cor. A liberdade com que usam tons puros, nunca mesclados, manipulando-os arbitrariamente, longe de preocupações com verossimilhança, dá origem a superfícies planas, sem claros-escuros ilusionistas.

As pinturas do Fauvismo inspiravam-se nas artes antigas, selvagens, populares e até infantis. O artista deveria expressar os seus impulsos e sensações vitais, negando com isso os recursos intelectuais consagrados pela pintura.

Em sua primeira exposição, a reação do público diante de suas obras foi de grande hostilidade. Os críticos os chamaram de *Fauves* (em Francês “Feras” “Selvagens”) rótulo que adotaram com orgulho. O que fez os críticos considerarem suas pinturas a expressão da loucura, foi o uso das cores que não tinham referências à aparência real. De fato, os Fauvistas experimentavam novas maneiras de expressar suas emoções diante de uma cena. Como afirma Matisse a respeito de *A Dança* (1910): "para o céu um belo azul, o mais azul dos azuis, e o mesmo vale para o verde da terra, para o vermelhão vibrante dos corpos".



Henri Matisse. *La Danse (first version)*. 1909. Oil on canvas. The Museum of Modern Arts, New York, NY, USA.

Na realidade, não era um programa comum que os unia, mas sim o sentimento de liberação e de experimento que compartilhavam. Foram os vários estilos individuais poucos relacionados, que contribuiu a uma liberdade maior nas produções futuras.

Henri Matisse

O principal expoente do Fauvismo, para a maioria dos historiadores de arte, é Henri Matisse. Sem nenhuma preocupação com o realismo, suas obras possuem figuras que são importantes enquanto formas, montando uma composição. A ideia de que a arte poderia se aproximar da música e com base nas obras de Gauguin, Matisse pintou grandes áreas sem variação de cor, formas simplificadas e linhas de contornos fortes. A simplicidade do estilo de desenho de Matisse remete à fascinação de Gauguin pela arte das culturas diferentes das ocidentais. Matisse usou também os desenhos abstratos de tapetes e tecidos, em uma tentativa de reforçar o aspecto plano da pintura, mais do que de criar uma ilusão de profundidade. Seu interesse por esses desenhos demonstra a influência exercida por formas de expressão de criatividade nem sempre associadas às belas artes.

Apesar do quadro “*harmonia vermelha*”, ter sido concebido como imagem agradável da vida doméstica da classe média, a maneira de Matisse retratar essa cena foi considerada revolucionária, especialmente na forma como, arbitrariamente, distribuiu cores intensas em objetos, sem se espelhar na natureza.



Henri Matisse. *Harmony in Red*. 1908. Oil on canvas. The Hermitage, St. Petersburg, Russia

O equilíbrio novo e radical que Matisse alcançou entre os aspectos "bidimensionais" e "tridimensionais" da pintura está particularmente evidente em seu quadro *Harmonia em Vermelho*; ele pinta a toalha da mesa e a parede com a mesma combinação de azul sobre vermelho, e, no entanto, distingue os planos horizontais dos verticais com total segurança. Cézanne foi o pioneiro nessa integração do ornamento de superfície na concepção de um quadro, mas aqui Matisse a transforma no elemento principal de sua composição. Igualmente ousada — mas perfeitamente inteligível — é a vista de um jardim com árvores floridas, mostrada através da janela: a casa longe está pintada no mesmo tom rosa forte que o interior, e, desse modo, relaciona-se com resto do quadro. Da mesma forma, o azul do céu, o verde das folhagens e os pontos amarelos-vivos (em lugar das flores) repetem-se todos no primeiro plano. A "capacidade de omissão" de Matisse entra em ação novamente: ao reduzir o número de tons ao mínimo, faz da cor um elemento estrutural independentemente. Essa é tão importante que *Harmonia em Vermelho* perderia todo significado numa produção em preto e branco.

JANSON, H.W. & JANSON, A. F.
Iniciação à História da Arte. São Paulo,
Martins Fontes. Pp. 357 - 360

André Derain

Derain encontrou Matisse pela primeira vez em 1898. Estudaram juntos na "Académie Carrère" em Paris. Incentivado por Matisse, Derain começou em 1904 a usar cores fortes, não naturais, aplicadas com pequenas pinceladas separadas, para realçar a luz sobre a sombra. Durante umas férias no porto pesca de Collioure, no sul da França, em 1905, pintaram retratos um do outro. É provável que estas pinturas tenham estado entre aquelas que Derain expôs mais tarde em Paris no "Salon d'Automne" desse ano. Era sua contribuição para esta exposição que lhe deu a reputação de ser um artista radical Fauve (Fera).



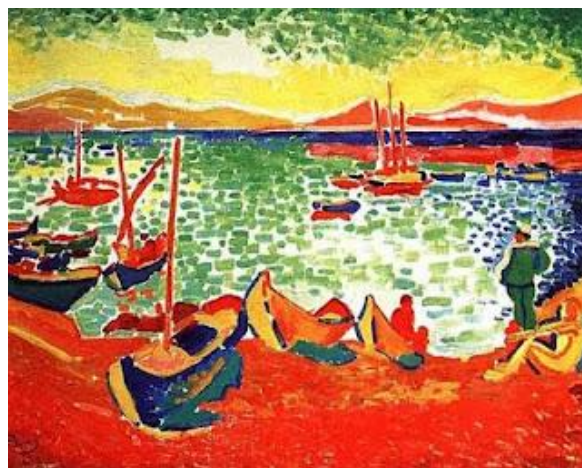
André Derain - Henri Matisse – 1905.
Óleo sobre Tela 460x349mm

Nas duas primeiras décadas do século XX, Derain se manteve no centro da *avant-garde*, como criador do Fauvismo. Mais tarde ele buscou inspiração nos grandes mestres e seu trabalho ficou mais seco e acadêmico.

Maurice de Vlaminck

«Eu intensifiquei todos os tons. Transpus para uma orquestração de cor todos os sentimentos dos quais tinha consciência. Era um bárbaro, jovem e cheio de violência.»

Pintor autodidata, Vlaminck inicialmente sustentou-se a ele próprio tocando violino e escrevendo romances eróticos. Juntamente com Derain, esguichava tinta na tela misturando as camadas grossas, neste processo criativo adquiria em suas telas, borrões de cores contrastantes lado a lado para intensificar o efeito, causando aos olhos do observador uma intensa vibração de movimentos.



Maurice de Vlaminck - The River Seine at Chatou, 1906 -
Oil on canvas

Raoul Dufy: Animador do Fauve

“A natureza, meu caro senhor, é apenas uma hipótese.”

Raoul Dufy

Dufy pertenceu a uma época de transição, em que o Impressionismo dava lugar ao Fauvismo e ao Cubismo. Ele absorveu de Cézanne e do Cubismo o princípio da construtividade da cor, mas, de modo diverso, utilizou-a de forma empírica não-racional, para trazer à pintura uma natureza vibrante, mutável, pouco densa, traduzida por pinceladas curtas - uma sinalética ondulante, como ondas de frequência da eletricidade.



Seu desenho era tão fluido, suas cores tão vivas, que nunca faltou beleza às suas cenas. Achou tão fácil desenhar com a mão direita que resolveu desenhar com a esquerda e que acabou vindo a preferir.